

PERGUNTAS

Escolhi abordar o assunto, elaborando algumas questões para que, através das possíveis respostas, sejamos conduzidos à reflexão teológica e à vivência revelada nas Escrituras.

1. O que entendemos por *unidade* e *uniformidade*?
2. Parece-nos inquestionável que, como igreja de Cristo, sejamos todos chamados à unidade; mas, o mesmo se daria para com a uniformidade?
3. Se, sim, o que há de diferença para motivar o debate? Se, não, o que existiria na unidade revelada para a igreja que impediria ou limitaria a uniformidade?
4. Nosso movimento progride em que direção? Por quê?

RESPOSTAS**1. O que entendemos por *unidade* e *uniformidade*?****1.1. *Unidade***

A qualidade ou estado de ser um ou único. Qualidade do que apresenta similitude, harmonia ou coerência com outros elementos da mesma espécie. Cada parte estruturada que, por si, forma um todo dentro de uma estrutura maior. Continuidade sem desvio ou mudança de propósito, ação, conduta.¹

1.2. *Uniformidade*

Regularidade no modo de agir, sentir etc. Ausência de variedade, de diversidade, de multiplicidade.² O que é uniforme. Igualdade. Conformidade. Monotonia. Regularidade.³

1.3. *Consideração*

Toda definição que encontramos no contexto secular segue *duas vertentes originais*. A de *Parménides* (filósofo pré-socrático) que fundou grande parte da sua doutrina da verdade no conceito de uno. Para ele, o que é uno não pode ser múltiplo, pois, precisamente o uno se opõe ao múltiplo, que é o reino da ilusão e da opinião. O uno é a identidade pura, a pura simplicidade e a pura uniformidade. Este conceito aproxima os termos unidade e uniformidade, criando a possibilidade de um ser definido pelo outro.

¹ Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa.

² Idem.

³ Michaelis, moderno dicionário da língua portuguesa.

A *outra vertente vem do desenvolvimento de Platão* sobre o que Parmênides estabeleceu, concebendo toda a ideia como unidade. A ideia é a unidade do múltiplo, pois na unidade da ideia reconhece e concentra-se a multiplicidade. A unidade, então, é revelada pela multiplicidade, sendo distanciada do conceito de uniformidade.

Assim, *unidade* parece direcionar a harmonia em meio à diversidade e *uniformidade* àquilo que impossibilita a diversidade, exigindo uma só forma, uma só prática e desenvolvimento.

Unidade aponta para uma fonte comum para o pensamento, para o sentimento, para a consciência e ação. É algo profundo e extenso. A unidade fala de um corpo coletivo, em que se aplica, perfeitamente, a imagem do Corpo de Cristo estabelecida pelo apóstolo Paulo.

Quando falamos de unidade da igreja, não está em foco uma opção eclesiológica ou uma forma de ser igreja, mas, sim, sua essência (Efésios 2.15-16).

E, quando tratamos acerca da tensão entre unidade x uniformidade não estamos, necessariamente, tratando acerca de doutrina x prática, como pensam alguns. Partilho da palavra de Paulo a Timóteo em sua primeira carta: “*Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes*” (4.16). A ideia expressada é a da doutrina encarnada. A ênfase não está na separação destas coisas, mas, sim, em sua integração. A prática não pode estar desassociada da doutrina, mas ser coerente na vida diária (como a questão acerca da soberania divina).

2. Parece-nos inquestionável que, como igreja de Cristo, sejamos todos chamados à unidade; mas, o mesmo se daria para com a uniformidade?

Em Efésios 4.13, Paulo menciona a “*unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus*”. Parece apresentar o alvo do aperfeiçoamento (11-12) que se opõe à imaturidade revelada na instabilidade espiritual, resultante da multiplicidade de doutrinas e pensamentos (14). A maturidade é resultado da unidade revelada pelo serviço do Corpo ao Senhor (12). Já a imaturidade é resultado da imposição de homens revelada pela inércia, pela incapacidade de se unirem em torno do Senhor e de seu projeto, chamado igreja, redundando em ausência de edificação.

“*Aperfeiçoamento*” (*katartismós*) significa mútua adaptação daquilo que deve ter simetria e proporção, indicando um perfeito sincronismo na ocupação e no serviço do Corpo. Daí a ideia de conduzir cada membro ao entendimento e ação de sua função, fazendo com que o Corpo funcione perfeitamente; fazendo com que cumpra aquilo para o qual foi designado.

Para que isso seja possível, Paulo contrasta o combustível fundamental para ambas as vertentes (maturidade que serve e imaturidade que engessa): De

um lado, **a humildade** (submissão) que provoca a mansidão, a paciência e a compaixão, resultando na unidade (1-3). De outro lado, **o orgulho** que provoca a ignorância, a impaciência e o desamor, resultando na dissensão (17-19).

Interessante notar a ausência do uso anterior ao NT do substantivo *humildade* (*tapeinophrosine*) e que o adjetivo correspondente *tapeinos* tivesse, quase sempre, um significado negativo, sendo associado a palavras que traziam o sentido de *baixo*, *vil*, *ignóbil*. Para os gregos a humildade não era uma virtude. Para eles, como de fato para a maioria dos povos não cristãos em qualquer geração, o conceito de "plenitude de vida não incluía a humildade". É em Cristo que a humildade se tornou uma virtude. Mais do que isso, um ponto de partida fundamental para se viver a essência da vida cristã.

E é baseado nesse entendimento que ele exorta a todos ao cuidado no trato, nas discussões, nas determinações assumidas (4.25-5.1).

Já o conceito de **uniformidade** encontrado aponta para as similaridades do pensamento e sentimento ao invés de uma estrutura visível ou prática. (*homothymadon*) *Unânime, de uma só mente*. Além de Romanos 15.6 é usado dez vezes em Atos. Como em Atos 2.46. O interessante é que esta unanimidade não era baseada na participação dos mesmos sentimentos e convicções humanas e religiosas, mas, sim, na realidade de Cristo formando um novo povo.

“*Unâimes*”. A igreja primitiva era caracterizada por essa unidade de propósito (1.14; 2.46; 4.24; 5.12). Isso não quer dizer que concordavam em todas as coisas, mas que seu coração e mente tinha como prioridade o Reino ao invés de suas agendas ou preferências pessoais.

3. Se, sim, o que há de diferença para motivar o debate? Se, não, o que existiria na unidade revelada para a igreja que impediria ou limitaria a uniformidade?

3.1. Para muitos, sim. E isso se dá pela razão de entenderem a unidade como uniformidade; isto é, interpretam a unidade pelo viés de um único formato, seguindo o entendimento traçado por Parmênides.

Daí o motivo da exposição do assunto a fim de desenvolver conhecimento, reflexão e possível e esperada mudança em prol da *unidade*.

3.2. Biblicamente, não. O elemento fundamental para que se tenha unidade, revelado amplamente nas Escrituras é a diversidade. E este elemento impede ou limita a uniformidade. A beleza da igreja está em seu Senhor e esta beleza é mais bem revelada por meio da unidade em meio à diversidade.

Em **1Coríntios 12**, Paulo desenvolve seu entendimento sobre a unidade da igreja, retratando a igreja como Corpo de Cristo, estando dependente da ação direta e contínua do Espírito Santo.

Dois pontos fundamentais em todo o texto: (1) Há diversidade ligada e coordenada pela unidade (4-6). A centralidade está na pessoa de Deus, revelada por meio da ação Triúna.

Diversidade na capacitação	Definidas por um só Espírito
Diversidade nos serviços	Definidos por um só Senhor
Diversidade nas realizações	Associados a operação divina

“Um só Deus opera tudo em todos”.

O (2) ponto fundamental é a amarração da diversidade possível em torno de um projeto único divino (11).

A expressão *“como lhe apraz”* implica em uma orientação definida e coordenada por algo já traçado pela vontade de quem o faz. Há um projeto e o Espírito Santo age mediante sua determinação que está em conformidade com o projeto previamente estabelecido.

É a partir daí que Paulo desenvolve a imagem do Corpo (12). A diversidade do corpo implica no fato de que nem todos os membros são iguais. A mensagem concentra-se na unidade e não na uniformidade. Deus nos fez para sermos um em Cristo, mas para sermos um, precisamos de muitos membros diferentes. O uno é o corpo, composto de diversidade (membros), implantado e capacitado pelo Espírito Santo e dirigido pela cabeça que é Cristo.

4. Nosso movimento progride em que direção? Por quê?

Como temos andado? **Há contextos em que a unidade tem prevalecido** em prol da propagação do evangelho, com igrejas assumindo parceria efetiva para ações missionárias (pool missionário). Também com busca de formação e desenvolvimento ministerial, como congressos (EBR, ABCB, Semanas de música), seminários, etc.

Porém, ainda, **há contextos em que parece predominar o cada um por si**; ou o cada um querendo fazer seu próprio ministério, desconsiderando os demais, com uma visão extremamente paroquial (paróquia - território sobre o qual se estende a jurisdição de um padre), por vezes, com visão de gueto (área ocupada por um grupo de raça; religião ou nacionalidade minoritárias).

Há colegas isolacionistas, afastando sua igreja do convívio com as demais, omitindo-se da cooperação associacional. Não sei é se medo, narcisismo, falta de visão do reino ou incapacidade de olhar além de si mesmo. Somos congregacionais e enfatizamos a autonomia da igreja local. Mas, também, enfatizamos e prezamos muito pela cooperação. Hoje há muita gente querendo fazer uma carreira pessoal, escrever sua história e não a do reino.

Creio que como movimento, progredimos, felizmente, para a unidade, pelo menos em sua maioria. E esse progresso só não é mais dinâmico porque, infelizmente, alguns buscam progredir para a uniformidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Temos de ter cuidado, pois, a uniformidade é uma característica comum às seitas. Há quatro pontos básicos nelas: **Adição** (adicionam algo acerca da Palavra de Deus). **Subtração** (Subtraem algo da natureza de Cristo). **Divisão** (Dividem a lealdade a Deus para com o próprio grupo). **Multiplicação** (Multiplicam a exigência para salvação – mais do que crer em Cristo). E são **uniformes** (templos, roupas, práticas) por enxergarem a si mesmos como a referência única de verdade e salvação. Dessa forma, todos os que são diferentes (tanto no maior como no menor dos detalhes) estão errados e, portanto, fora do agradar a Deus; eu diria, fora por não atender as exigências de sua própria lei.
2. Temos de buscar um equilíbrio na doutrina da autonomia da igreja. Alguns se isolam em meio a sua autonomia. Outros participam, mas buscam imprimir aos demais sua autonomia, ignorando a dos demais, ferindo o próprio princípio.
3. Três observações práticas: (1) Temos de ajudar nossas igrejas a um maior critério no convite a pastores; e nesse ponto as associações tem papel fundamental; pois, muitos pastores de outras linhas estão adentrando nosso movimento e, quando pouco, mantendo-se afastado. (2) Temos de ajudar aos colegas que procedem de outros grupos e seminários a integrarem-se em nosso movimento. (3) Temos nós, de aprender a conviver em harmonia, participando do que já existe – associações, ordens de pastores, etc; servindo de exemplo para nossas igrejas de que a prática deve acompanhar o discurso, coerentemente.
4. Ontem, Pr. Douglas afirmou que *“muitos pastores tem se afastado da fé”*. Isto se dá por duas razões básicas: (1) Quando se crê em algum desvio doutrinário (o que fora destacado por ele ontem). (2) Mas, também, se dá quando se fecha e luta por questões cujo referencial não estão nas Escrituras, mas no pensamento e forma particular. Temos que nos voltar para as Escrituras, pois elas são nosso referencial absoluto, por ser a revelação de Deus.

Lembro-me de alguns anos, quando editado o Jornal Batista Regular, que li um artigo em que o autor chamava a atenção para a necessidade de considerarmos a fé de nossos antepassados, dos que construíram a história de nosso movimento. E, por causa da ênfase dada por ele, escrevi outro artigo, editado no número posterior do jornal, em que concordava com a necessidade de considerarmos a história para o nosso aprendizado, pois o próprio Senhor nos ensina isso tanto no AT como no NT e, também, por uma questão de santidade quanto ao assumir nossa identidade. Porém, nosso referencial absoluto não pode ser nossa história, ou o ensino e prática de nossos antepassados, mas, sim, o Senhor, por meio de Sua Palavra. Se, nossa história e antepassados agiram em coerência com a Palavra, amém! Isso nos servirá. Mas, se agiram equivocadamente, sem o respaldo absoluto da Palavra, não servem de referência para a igreja do Senhor, nem para nosso ministério.

Temos que nos voltar para as Escrituras.
Mais Bíblia, menos costumes.
Mais profundidade no evangelho, menos teorias diversas.
Mais pregação expositiva, menos divagação humana.
Mais aconselhamento bíblico, menos psicologia.
Mais santidade, menos religiosidade.
Mais igreja do Senhor, menos igreja do pastor.
Mais humildade, quebrantamento, submissão ao Senhor, menos vaidade de
nossos pensamentos.